

IV SEMINTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
III Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em
Turismo.

Caxias do Sul – 7 e 8 de julho de 2006

FRONTEIRAS e TURISMO:

TENSIONANDO CONCEITOS

Dr. Antonio Carlos CASTROGIOVANNI¹

Dra. Susana GASTAL²

RESUMO

No presente artigo os autores propõem uma discussão prévia do que virá a se constituir em proposta de projeto de pesquisa sobre as fronteiras em suas relações e possibilidades com o Turismo. A proposta de pesquisa nasceu no contexto do Seminário Internacional de Turismo de Fronteira, em suas edições de 2004 e 2005, como forma de aprofundar as questões ali apresentadas. A reflexão aqui realizada supõe um cenário de pós-modernidade, em especial na sua metodologia de trabalho, para com ela percorrer a construção de sentido, em termos de significantes, para *fronteira*. Esta é vista nos seus imaginários, transmigrados de um sentido da modernidade, que a via como *limite* e *separação*, para um sentido da pós-modernidade, que a coloca como *espaço de trocas* e hibridismos culturais e, como tal, no seu microcosmo, a possibilidade de antecipação de questões que caracterizariam e tensionariam os avanços dos processos de globalização do planeta.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo. Turismo de Fronteira. Fronteira. Imaginário.

¹ **Antonio Carlos Castrogiovanni** é também professor nos cursos de Graduação em Geografia e Turismo da Pontifícia Universidade Católica do RS, e do Curso Graduação e Pós Graduação de Geografia da Universidade Federal do RS.

castroge@ig.com.br

² **Susana Gastal** é também professora nos cursos de Graduação e Pós Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do RS. sgastal@terra.com.br

ABSTRACT

The paper discusses a research proposal about Brazilian frontiers and the tourism there. The original proposal was presented in the "Seminário Internacional de Turismo de Fronteira", in 2004 and 2005, as a way to keep the academic conversation on the subject. The question includes a postmodernity cenary, in special the semiotic metodoly to analyze the construction of the term *frontier* and its imaginaries as a limit and as hybrid spaces.

KEYWORDS

Tourism. Frontiers Tourism. Frontier. Imaginary.

1. Introdução

As fronteiras podem ser olhadas e estudadas sob diferentes pontos de vista. Há, entre outras, fronteiras políticas, fronteiras simbólicas e fronteiras metafóricas, fronteiras que podem ser densas na sua imposição sobre a paisagem, ou difusas no território. Mas, sob qualquer das suas configurações, cada uma delas carrega imaginários próprios, que só serão plenamente entendidos se na inserção na *alma* de cada lugar.

Tradicionalmente, o imaginário mais associado às fronteiras as via como linha de separação, ou melhor, como limite. A globalização e as ideologias a ela associadas, em especial as consagradas sob o neoliberalismo, procuram mostrar que o mundo ideal seria aquele onde as fronteiras fossem liberalizadas, permitindo a ampla circulação de mercadorias. Em termos práticos, a liberação das fronteiras avançaria com a criação dos grandes blocos regionais, a exemplo da União Europeia ou do Mercosul. Este liberalismo com as mercadorias, entretanto, não tem apresentado, como ato contínuo, a liberalização da livre circulação da força de trabalho, mesmo no interior dos blocos regionais.

A atual administração federal do Turismo brasileiro tem dado especial atenção à questão das fronteiras. No dizer do ex-secretário geral do Ministério Turismo, Milton Zuanazzi³, o objetivo do MinTur é *descriminalizar* a fronteira, fazendo com que o turista não precise ser submetidos às lógicas policiais, que vêem as fronteiras como espaços potenciais da contravenção e do crime e, como tal, justificando mantê-las sob severo controle. Buscando promover o debate sobre a questão, o governo federal já promoveu dois encontros técnico-científicos: um em Santa Maria/RS, em 2004, e outro em Foz do Iguaçu/PR, em 2005. O III Seminário Internacional de Turismo de Fronteiras já está sendo organizado e deverá acontecer em Boa Vista/Roraima, em agosto deste ano. Conforme consta do projeto de Roraima,

³ Milton Zuanazzi, em palestra realizada no I Seminário de Fronteiras, realizado em Santa Maria/RS, em 2004.

(...) será prioridade do evento consolidar e integrar as propostas e elaborar os projetos de criação e ampliação da Rede Sul-Americana de Concertação de Fronteiras e a Rede de Pesquisa de Fronteiras, para todos os países do continente, transformando os temas pontuais debatidos nas duas primeiras edições do FRONTUR e na III edição em Roraima em agenda permanente de pesquisa e gestão, junto às respectivas instâncias.

O presente artigo propõe, além de relatar como está sendo gestado um amplo projeto de pesquisa sobre o Turismo de Fronteiras, que será desenvolvido por diferentes Universidades do Mercosul, com apoio do Ministério do Turismo do Brasil, encaminhar uma reflexão conceitual inicial. O objetivo desta apresentação, além de relatar o percurso até agora desenvolvido por algumas instituições, é registrar uma política de inovação que vem sendo implementada, dando-lhe visibilidade, para que o campo do Turismo participe amplamente da mesma, visto ser a fronteira um terceiro espaço, em constante expansão-retração, portanto, repleto de atratividade.

O artigo ainda busca colocar em discussão o conceito de *fronteira*. Inicia-se com os imaginários que têm sido a ela associados – em especial o que a coloca como *limite* e *separação*, herança da modernidade, e aquele que a vê como *união* e *hibridismo* de culturas. Discutem-se estes conceitos a partir de uma bagagem teórica semiótica, de construção de sentido, subjacente ao que tem sido denominado como pós-modernidade ou *a lógica cultural do capitalismo tardio* (JAMESON, 1996).

Revisar a teoria sobre a pós-modernidade supõe percorrer o pensamento do teórico Fredric Jameson, talvez o autor mais citado em todas as bibliografias sobre a questão. No pensamento de Fredric Jameson sob a pós-modernidade, segundo Perry Anderson (1999), destacar-se-ia: (1) o ver a ancoragem do pós-moderno em alterações objetivas da ordem econômica, quando a pós-modernidade «torna-se o sinal cultural de um novo estágio na história do modo de produção reinante» (ANDERSON, 1999, p.66); (2) um novo horizonte existencial da sociedade, aí incluído um novo sujeito, no qual a «modernização estava quase concluída, apagando os últimos vestígios não apenas das formas sociais pré-capitalistas como também os

(últimos vestígios) de todo território natural intacto, de espaço ou experiência, que as sustentara ou sobrevivera a elas» (ANDERSON, 1999, p.66); (3) a expansão do pós-moderno à cultura como um todo e não mais restrito a especificidades na Literatura ou na Arquitetura, como nos primórdios das reflexões; (4) ver o visual como típico desta cultura, em detrimento do verbal; e (5) o temporal, marcado pelo pastiche, como *paródia vazia* do passado, e, o espacial, comandado pelo imaginário de uma Terra unificada eletronicamente.

As teorias da pós-modernidade também assumem a semiótica – a ciência que estuda a construção de sentido – como metodologia de análise, uma vez que a segurança permitida pelas ditas *grandes narrativas*, ou seja, pelas grandes teorias submetidas a *idéias iluministas do sistema humanista liberal*, estariam superadas como forma de organizar a experiência social e epistêmica. Os pressupostos desta ideologia eram a *Igualdade* social entre indivíduos, vistos como autônomos, criativos e coerentes; o saber e a ciência como busca da *Verdade*; o *Progresso* como desdobramento e resultado do caminho da humanidade em direção ao futuro; e a *Liberdade* como bem maior e indissociável do ser humano. É sobre essas *narrativas totalizantes* do iluminismo, que o pós-moderno lança sua *incerteza radical* e problematizadora, passando a tratá-las não com o significado Verdade, mas a partir de significantes polissêmicos contidos em *discursos* (GASTAL, 2002).

A pós-modernidade, ainda como discurso na contra-mão do racionalismo iluminista, passa a considerar não só a experiência empírica, mas também outras formas de relação com o entorno social, ambiental e cultural, para construção de sentido. Abre-se espaço, entre outros, para aproximações não pautadas apenas pelo racional, mas também pelos sentimentos plasmados no simbólico, cuja construção de sentido também é percorrida. O simbólico e sua construção de sentido têm sido abarcados sob o conceito de *imaginários* (GASTAL, 2005).

2. Fronteiras e seus imaginários

O imaginário mais comum, constituído em relação às fronteiras, às vê como linhas de separação, de divisa, de limite. Nesta lógica, a tradicional geografia alemã contribui, observando que: “Fronteira é constituída pelos inumeráveis pontos sobre os quais um movimento orgânico é obrigado a parar” (Friedrich Ratzel apud Martins, 1998, p. 10). Se o limite for político, apresentar-se-á na forma de aduanas e todo aparato, em geral policial, que demarca acintosamente o poder sobre um território, em oposição ao território contíguo. Esclareça-se que, ao estabelecer limites territoriais, as pessoas criam para si a sua primeira prisão. Nas fronteiras são estabelecidas *prisões condicionais*. Quando a fronteira é metafórica, ela em geral dar-se-á de forma *difusa*, seus limites constituídos em sutis barreiras sociais e culturais, mas nem por isso menos impositivas. É o caso, por exemplo, das galerias de arte que, embora com portas franqueadas ao público, raramente estas serão transpostas por não iniciados. A charge de Iotti⁴, com o personagem Radicci, ilustra esta situação:



Outra fronteira metafórica pode se constituir, no contexto do pensamento de Fredric Jameson (1996), mais na forma do que no conteúdo. Aliás, segundo este teórico, cada vez mais a ideologia estaria melhor expressa na forma do que no conteúdo. Seria o caso, por exemplo, do mapa a seguir:

⁴ <http://www.radicci.com.br/>



A geopolítica é uma questão de poder sobre a política territorial, mas uma análise semiótica sobre o mapa apresentado pode induzir a se pensar o *acima* e o *abaixo*, com as respectivas idéias de hegemonia e submissão, superioridade e inferioridade subentendida nas duas preposições. As fronteiras simbólicas seguiriam na mesma direção das metafóricas, mas com uma maior expressão, digamos, visual: a “roda” de amigos que, ao mesmo tempo que inclui, separa; o “guichê” onde os menos afortunados são atendidos nos bancos; uma avenida que separa bairros de classes sociais diferenciadas.

A idéia de *fronteira* como limite surge na Europa, no bojo do Tratado de Westfalia (1648). Seria decorrência dos avanços renascentistas da matemática, astronomia e cartografia, permitindo demarcar os territórios, mas também correlata à idéia de Nação como espaço territorial sob uma jurisdição única. Após I Guerra Mundial, o conceito de linha de fronteira é substituído pelo de *região de fronteira*, consagrado na legislação brasileira. A Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979 dispõe sobre a Faixa de Fronteira, e altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970. No seu artigo primeiro registra: “É considerada área indispensável à Segurança Nacional

a faixa interna de 150 km (cento e cinquenta quilômetros) de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, que será designada como Faixa de Fronteira”. Mas, poder-se-ia questionar: o que são 150 quilômetros no Rio Grande do Sul e o que seriam eles, no Amazonas?

O Brasil é o quinto país do mundo em extensão territorial, com aproximadamente oito milhões e meio de quilômetros quadrados, e o terceiro em comprimento de fronteiras terrestres, com 16.886 quilômetros, sendo que somente a China e a Rússia teriam fronteiras mais extensas. As fronteiras continentais brasileiras correspondem a 38% do comprimento total das fronteiras da América Latina (BARCELLOS, s/d) e seu traçado corresponde, em muito, aos percursos das entradas e bandeiras dos séculos XVI ao XVIII.

A idéia de **região de fronteira** esvazia a de limite ou linha. **Região**, aqui, seria entendida como o sub-espço onde ocorrem entrecruzamentos de populações e culturas vizinhas: “hoje o limite é reconhecido como linha, e não pode portanto ser habitado, ao contrário da fronteira, que, ocupando uma faixa, constitui uma zona muitas vezes bastante povoada onde habitantes de estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, em particular sob a forma de contrabando” (MARTINS, 1998, p. 47).

Por que contrabando? Primeiro, porque fronteiras, mesmo sendo um espaço de fixos (casas, lojas, praças, monumentos...) são muito mais um espaço de fluxos: moradores de lado a lado, turistas, caminhoneiros, comércio, trocas... Segundo, porque fronteiras, em geral, possuem os mais baixos índices de desenvolvimento, dentro dos países. Terceiro, porque elas, em geral, são habitadas por muitos migrantes, alguns legais, outros... *fronteirios*. Nas áreas de fronteira, a presença de migrantes estrangeiros é bastante elevada se comparada com a média brasileira (2,5% na fronteira e 0,6% no Brasil).

Isso torna as fronteiras, também culturalmente, muito ricas, mesmo quando cortadas por muros, como na divisa entre México e Estados Unidos, ou como o foi, por muito tempo, a cidade de Berlin. A queda do Muro de Berlin tornou-se um dos fatos emblemáticos a demarcar a política e a cultura dos anos 1980, transpondo-se

da idéia de fronteira como separação, para a idéia de *fronteira como espaço de trocas culturais*.

A pós-modernidade, ao derrubar muitos paradigmas, trás consigo este novo imaginário para fronteiras, agora como espaço de trocas ou como o “locus onde se encontram culturas diferentes, sociedades diferentes, economias diferentes, populações diferentes, enfim, onde ocorrem mudanças quantitativas e qualitativas nas vidas das pessoas e populações envolvidas (...)” (ROCHA, 2003, p. 96). A fronteira como *locus* do encontro, portanto, expande-se para além do espaço territorial antes assim denominado. A fronteira contemporânea funde simbólico e metafórico. Da centralidade na idéia de um fixo, passa-se à fronteira como fluxos⁵; da idéia de espaço da separação, para a idéia de espaço da comunhão e das trocas. O imaginário consagra a idéia de que o mundo globalizado seria um *mundo sem fronteiras*. Um novo olhar sobre si mesma e a globalização no seu exercício máximo, a exigir um olhar sem (muros) do preconceito, aos seus fluxos.

3. Fronteiras: tencionando conceitos

Se os imaginários sobre a contemporaneidade falam em mundo sem fronteiras – e como tal, encaminhando novas construções de sentidos – as práticas vêm acompanhadas de tencionamento, como marcas do *ar dos tempos*. Omar Calabrese (1988, p.15) fala em *ar do tempo* como o “caracter de ‘excitação’ produzido no interior do sistema da cultura”. Para o teórico, o *ar do tempo* contemporâneo marca-se por se assistir “à perda da globalidade, da sistematização ordenada em troca da instabilidade, da polidimensionalidade, da mutabilidade” (idem, p.10). O olhar acostumado às simetrias modernas ou direcionado pelo discurso da globalização como unidade, tenderia a ver as novas assimetrias como desarmônicas. Por que marcas estéticas interessariam quando a proposta é falar em turismo, fronteiras e pesquisa (a inovação estando na

⁵ Fluxos e fixos são utilizados conforme Milton Santos, 1989.

aproximação dos três termos)? Porque, ainda segundo Calabrese (idem, p.35): “Um juízo estético é quase sempre acompanhado de um juízo ético, ou passional ou morfológico. E reciprocamente”. Em outras palavras, fragmentação e desarmonia seriam não a estética do tempo atual, como marcariam a sua ética e a estruturação do seu sistema.

Calabrese trabalha com o conceito de *confim*, que pode ser útil para auxiliar na compreensão da *fronteira*. Para ele, *confim* seria o “conjunto de pontos que pertençam ao mesmo tempo ao espaço interno de uma configuração e ao espaço externo” (CALABRESE, 1988, p. 61). Do ponto de vista interno, o *confim* faz parte do sistema, mas delimita-o. Do ponto de vista externo, constitua-se ele ou não em um sistema, faz parte do exterior. Se o exterior se constitui em um sistema, a separação se dá por oposição; se o exterior não se constitui em sistema, a separação se daria por privação. “O que garante a existência de um *confim* é, portanto: por um lado, a propriedade separadora dos seus pontos; por outro, a coerência (incluindo a dos pontos do *confim*) de todos os pontos pertencentes ao sistema” (CALABRESE, 1988, p. 62).

O teórico busca na origem latina da palavra limite, ou seja, em *limen*, a noção de limiar, que significaria levar ao extremo a elasticidade do contorno, mas sem o destruir. Já a palavra excesso teria origem em *ex-cedere*, significando ir para lá de. O excesso seria a ultrapassagem de um *confim*, forçando o limite do sistema e o colocando em crise. Mas, atente-se que o excesso é sempre resultado de um processo “geneticamente interno” (CALABRESE, 1988, p 73), quer seja ele o *excessivamente muito* ou *demasiadamente pouco* em relação à norma.

Nos sistemas fechados, o *confim* atuaria como filtro ou membrana, servindo para tradução dos elementos externos em elementos internos, adequando-os à coerência do sistema. Por outro lado, se há perímetro, haveria um centro, que pode coincidir ou não, com o meio, gerando daí sistemas centrados, ordenados por simetria, e sistemas descentrados, organizados assimetricamente. A *fronteira* teria, assim, a sua própria elasticidade enquanto sistema. Nem sempre o centro da *fronteira* teria sua localização na sua centralidade territorial. Por exemplo, ele pode

estar em Brasília, Washington ou Teerã. Portanto, há uma complexidade na constituição do sistema de fronteira.

Tanto nos sistemas simétricos como assimétricos, agiriam forças expansionistas, exercendo pressão a partir do interior, sobre a elasticidade do perímetro-fronteira. O *excêntrico* seria aquela estrutura que age no limite do sistema, mas sem ameaçar sua regularidade. Muitas vezes, as sociedades jogam para estas margens, alguns centros de interesse. Podemos ter, por exemplo, um *turismo excêntrico*, que seria aquele praticado fora das práticas previamente ordenadas pelo sistema hegemônico, como um turismo gay, um turismo nas favelas, ou um turismo em acampamentos de sem-terra. O turismo de fronteira ou realizado nas fronteiras, também se enquadrava nesta situação de excêntrico. O atual movimento das políticas oficiais buscava, justamente, tirar-lhe a condição de excentricidade política, sem, entretanto, tirar-lhe outras excentricidades que seriam justamente as marcas de sua identidade. Em uma recente entrevista em um noticioso televisivo, uma autoridade teria dito que, *a fronteira tem um mistério que só os que vivem lá entendem o mistério que ela envolve; muitas vezes nem eles entendem*. Neste mistério, uma das excentricidades das fronteiras que leva ao que, ao olhar excêntrico à ela, apareceria como um *silêncio*.

Agora, seria ilusão pensar que a derrubada de um *confim*, vide Muro de Berlin, seria a destruição ou exclusão de fronteiras; trata-se, na realidade, apenas de “deslocação de fronteiras” (CALABRESE, 198, p. 79). A fronteira é deslocada mais para lá pelo excesso do demasiado ou do muito pouco, com a conseqüente absorção do excesso e do conflitual por ele gerado.

Um mundo sem fronteiras seria, então uma ilusão da globalização ou não? Ou a globalização exigiria um mundo de fronteiras excêntricas?

4. Encaminhamentos finais: Por que estudar fronteiras?

O leitor mais atento às questões da fronteira, dirá que, nelas, a fragmentação não deixa de ser uma realidade histórica. E o é. Por esta razão, Néstor Garcia Canclini (2005, p.34) afirma:

En la medida que llegar a la globalización significa para la mayoría aumentar el intercambio con los otros más o menos cercanos, sirve para renovar la comprensión que teníamos de sus vidas. De ahí que las fronteras se vuelvan laboratorios de lo global.

Para colocar a questão da fronteira enquanto espaço específico, talvez seja oportuno parafrasear David Harvey (apud DURÁN, 2004, p.34) quando este afirma, em relação à cidade, que seria necessário “reconceptualizar a questão urbana não como o problema de estudar entidades quase naturais (...), mas como algo de essencial importância no estudo dos processos sociais que produzem e reproduzem espaços e temporalidades que são, a menudo, de tipo radicalmente novo e distinto”. Antes, o mesmo autor havia afirmado que a urbanização não deveria ser entendida em termos de “uma entidade sócio organizativa chamada ‘a cidade’(...) mas como produção de formações espaço temporais específicas e muito heterogêneas, imbricadas dentro de distintos tipos de ação social” (idem *ibidem*).

A fronteira encaminharia significados semelhantes, pois: “Fronteira, há uma só. É a linha hipotética, resultante do acordo das nações sobre seus limites, que determina de que lado fica quem. No entanto, cada fronteira é uma fronteira, e cada homem de fronteira é diferente do outro...”⁶, tornando necessário estudar esta formação espaço-temporal, como específica e heterogênea, e não *naturalizada*.

Na sua concentração ou na sua dispersão, a construção espaço-temporal *fronteira* supõe redes de informação, redes de cultura e de poder de decisão (DURÁN, 2004). Duran propõe, para estudar este cadinho – que ele vê nos territórios urbanos, e que aqui propomos ser utilizado para analisar, também, a fronteira – indicadores

⁶ <http://www.riogrande.com.br/turismo/fronteira.htm>

como distância de centros urbanos e de redes de comunicação rápida (estradas), mudanças no uso do solo e mobilidade (transporte público e o número de passageiros transportados, transporte privado por unidade familiar), evolução demográfica, mercado de trabalho (renda, graus de pobreza), evolução dos serviços (saúde, em especial sistemas de vacinação, número de centros de saúde, escolas primárias, secundárias e instituições de ensino superior), pertencimento a associações e políticas e gestão ambiental.

O projeto de pesquisa ora em gestação, propõem organizar estas questões, dentro das seguintes categorias de análise, às quais serão acrescidas sub-categorias:

I) Grandes categorias: (a) FRONTEIRA; (b) ESPAÇO: lugar, *lugarização*, não-lugar, paisagem, ou seja, a unidade paisagística limitada por uma linha política; região, e ordenamento do território, mas enquanto fronteira; (C) CULTURA: terceiras culturas e hibridismo; (d) TURISMO.

II) Categoria a permear as demais categorias: (e) SUSTENTABILIDADE e a idéia de desenvolvimento local e/ou desenvolvimento flexível; (f) PODER ou como se negocia sob a mobilidade e a participação democrática dos (a)gentes de fronteira; (g) IMAGINÁRIO.

Retomando a *região* de fronteira e a vendo nesta contingência – mesmo antes de construir tal categoria, no contexto do presente trabalho – teóricos da pós-modernidade referem-se à região vendo-a não mais como «um local rural que resiste à nação e às estruturas de poder, mas sim toda uma zona culturalmente coerente (que pode também corresponder à autonomia política) em tensão com todo sistema mundial standardizado» (JAMESON, 1997, p. 194). A região, assim caracterizada, não estaria mais atrelada a questões de identidade – ou de identidade vinculada a um lugar –, mas pela sua distância relativa às forças de modernização global, «uma distância que forneceu um abrigo ou um nicho ecológico, no qual as tradições regionais puderam ainda se desenvolver» (JAMESON, 1997, p.194).

Como colocado, o estudo propõe, entre outros, percorrer as construções de sentido na sua complexidade. Nesta complexidade está, inclusive, o discutir conceitos teóricos de certa forma consagrados em diferentes áreas acadêmicas, pois, na fronteira, talvez, mesmo estes conceitos exijam a presença de hibridismos, também, em sua teorização. Para Peter Burke (2003, p. 2), a “globalização cultural envolve hibridização” que, para ele significa da gastronomia permeada por batatas fritas com curry, ao judaísmo zen, passando pelo rock afro-celta, pois cultura envolveria “atitudes, mentalidades e valores e suas expressões e concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações” (idem, p. 8-9) e, acrescentaríamos, teorizações, para com elas entender as *terceiras cultura*.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BARCELLOS, Christovam et al. **A geografia da aids nas fronteiras do Brasil**. www.igeo.ufrj.br/.../fronteira/p02pub03.htm, capturado em julho 2004.
- BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003.
- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- DURÁN, F. E. “Los limites difusos de los territorios periurbanos: una propuesta metodológica para el análisis de su situación socioeconómica y procesos de cambio”. **Sociologias**, ano 6, n.11, jan.jun 2004,
- GASTAL, Susana. **Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio**. Tese de Doutorado. PUCRS. 2002.
- _____. **Imagem e Imaginário no Turismo**. São Paulo: Aleph, 2005.
- GUTIERREZ, Horácio. **Fronteiras, paisagens, personagens, identidades**. São Paulo: Olho D’Água, 2003.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.
- MARTINS, André Roberto. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **La Globalización Imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

ROCHA, L.M. "O Estado, as Fronteiras e o trinômio índios-deus-pátria!" In: **Fronteiras: paisagem, personagens, identidades**. São Paulo: Unesp, 2003, p. 96.

SANTOS, M. (1989) **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec.

SILVA, Lúcia Osório. **Fronteira e identidade nacional**. Instituto de Economia, Unicamp, s/d